O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 2 | Nº 6 | Boa Vista | 2020

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

http://doi.org/10.5281/zenodo.3841651

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

COVID-19 E NECROPOLÍTICA NA CONJUNTURA BRASILEIRA

Carlos Matheus Alves da Silva[1]

Resumo

A proposta deste artigo é analisar a necropolítica no discurso do Presidente da República brasileira, Sr. Jair Messias Bolsonaro em um momento de pandemia ocasionada pelo COVID-19, quando este manifesta total contrariedade ao isolamento domiciliar. Investiga-se seu discurso através de fontes jornalísticas fazendo contraste com a necropolítica. Apresenta-se um recorte de classe e raça para compreender a divisão de classe e a quem o Estado favorece. Conclui-se afirmando que a forma que o Presidente da República se comporta é uma forte expressão da necropolítica em tempo de pandemia.

Palavras chave: Brasil; COVID-19; Jair Bolsonaro; necropolítica; pandemia.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the necropolitics in the speech of the President of the Brazilian Republic Mr. Jair Messias Bolsonaro at a time of pandemic caused by COVID-19, when it manifests total contradiction to home isolation. The article investigates his discourse through journalistic sources contrasting with necropolitics. A class and race cutout is presented to understand the division of class and to whom the State favors. Concluding that the way the President of the Republic behaves is a strong expression of necropolitics in times of pandemic.

Keywords: Brazil; COVID-19; Jair Bolsonaro; necropolitics; pandemic.

INTRODUÇÃO

Necropolítica é um conceito cunhado por Achille Mbembe (2016) em seu ensaio *Necropolítica*. É com base neste marco conceitual, que analiso o discurso do chefe do poder executivo federal diante da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, o qual causa a doença chamada COVID-19 (SENHORAS, 2020a; 2000b). Entende-se por pandemia a disseminação do vírus que acomete todo o mundo simultaneamente, é um agravamento da doença que ultrapassa as fronteiras geográficas de forma rápida. Este é diferente da epidemia, que ocorre em determinadas estações do ano com maior intensidade seguido de diminuição e desaparecimento (caso das gripes que tem seu ápice no inverso e diminui no fim da estação). Os primeiros casos da COVID-19 foram identificados em 31 de dezembro de 2019 na China, na cidade de Wuham através de recorrentes casos de pneumonia. O primeiro caso de óbito ocorreu com um homem de 61 anos no dia 9 de janeiro de 2020, na China. Neste momento a China já estava em epidemia. No dia 11 de fevereiro de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia, ocasionada pelo vírus. A Itália – que foi um dos países que ultrapassou a quantidade

1 Graduando em Ciências Sociais e monitor da disciplina de Sociologia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email para contato: matheus.car123@hotmail.com

de contaminados em relação à China – acionou estado de emergência após um casal de turista chinês de Wuhan estar passando férias em Roma. A Espanha também declarou estado de emergência nos primeiroS casos de infectados pelo COVID-19. O que levou a OMS a tomar medidas e orientações para minimizar os efeitos e os impactos que o vírus poderia causa quando acometesse outros países[2].

O primeiro caso no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, este, para o controle da mortalidade e contaminação publicou decretos estaduais e municipais em consonância com as orientações produzidas pelo Ministério da Saúde (inicialmente dirigido por Henrique Mandetta) e da Organização Mundial de Saúde (OMS). Providência necessária para minimizar os danos da disseminação do vírus que já vinham ocorrendo em outros países. Com o avanço da doença e a quantidade de mortes advinda dela, o Brasil necessitou entrar em isolamento domiciliar/social. O isolamento domiciliar/social é um meio de prevenção para evitar a contaminação pelo vírus, em isolamento a população diminui a propagação e evita contrair daqueles que estão contaminados ou de objetos contaminados. Em contrapartida, a quarentena é um meio de afastamento daquelas pessoas que já contraíram o vírus ou estão com suspeita, esse afastamento (que é um isolamento de quarentena) deve ser cumprido de acordo com o tempo necessário para o fim da contaminação. O distanciamento social também é um fator importante durante a pandemia, a prática deste, evita contrair o vírus através do contato próximo com o portador, sendo necessário de no mínimo 1,5 metros de distância. Entendendo a diferenciação dessas três formas de prevenção e contenção do vírus, houve a necessidade de alguns serviços pararem totalmente e outros parcialmente respondendo as prioridades, funcionado somente os serviços essenciais de acordo com os decretos estaduais e municipais. Estes decretos foram publicados de acordo com as especificidades de seus estados pelos governadores e prefeitos. Neste contexto, é produzida a narrativa do Sr. Jair Bolsonaro, Presidente da República que reflete em atitudes contrárias as determinações de prevenção da proliferação do vírus feitas por autoridades e órgãos competentes. É nesse discurso de poder e soberania que fundamento esse trabalho.

Destarte, é nesse cenário que entendemos, o discurso presidencial tem como base a necropolítica, ou seja, um discurso de morte, mas não de qualquer morte ou de qualquer pessoa, mas a morte de sujeitos pertencentes a uma classe social como marcadores de racial, e principalmente, alicerçado no direito da matar os grupos inimigos. Esses grupos inimigos são grupos historicamente estigmatizados pelo soberano e todo conjunto da organização social, a legalidade do Estado para criminalização desses grupos dá ao Presidente o direito de ampliar seus posicionamentos.

[2] Não é possível quantificar as mortes e a contaminação no Brasil de forma que se expresse aqui, observamos um quadro diário do avanço do vírus, o qual no período de construção deste artigo já ultrapassou 330.890 mil contaminados e mais de 21.040 mil óbitos. Casos que se alteram diariamente.

A partir de uma análise sociológica, observa-se que o discurso que vem sendo produzido com frequência pelo presidente, seja nas suas redes sociais ou em rede nacional de televisão sobre determinações para o fim do isolamento, externa o ato de necropoder que outrora era disfarçado, mas evidencia-se quando o presidente dissemina suas subjetividades abertamente sob a nação[3]. Trago orientações do Ministério da Saúde, órgãos competentes e economistas que afirmam que, para a prevenção da contaminação e diminuição de mortes encontra sua única saída no isolamento domiciliar/social. Trabalho metodologicamente com veículos jornalísticos que me proporcionam informações recentes e precisas sobre o discurso do Presidente da República, algo que artigos anteriores não puderam me fornecer. Selecionei três fontes que me guiaram nas análises, são; G1, UOL, e Folha de São Paulo, estes, tem maior aparição neste trabalho, com informações entre o período de março a maio. Entretanto, não deixo de abordar artigos sobre a temática. Também trago referências teóricas que fundamentam minha conclusão sobre esta análise da necropolítica no Brasil em tempos de crise causada pelo COVID-19.

COVID-19 E NECROPOLÍTICA HISTÓRICA

A nação brasileira se deparou com uma enorme contaminação social que atinge a saúde pública causada pelo novo coronavírus (COVID-19). No dia 26 de fevereiro de 2020 foi diagnosticado o primeiro caso do vírus no Brasil, no estado de São Paulo, sendo o portador um homem de 61 anos com histórico de viagem para a Itália. Nesse momento, o então Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta mobilizou o ministério para a prevenção de contaminação e de combate ao vírus no país. De acordo com o Ministério da Saúde, esta infecção é uma doença que atinge o trato respiratório e ocasiona sintomas semelhantes ao de uma gripe, sendo assintomáticas ou quadros respiratórios graves. No grupo assintomático o vírus pode atingir 80% da população infectada, enquanto que 20% da população podem apresentar casos graves com dificuldades respiratórias e necessitardes hospitalares, o qual desses casos 5% podem precisar de tratamentos com respiradores mecânicos, afirma a OMS (Organização Mundial de Saúde).

Porém, sua semelhança a uma gripe, confunde a maior porcentagem da população brasileira. Segundo o Ministério da saúde, a COVID-19 é uma doença que provoca tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldade para respirar. Pode-se observar dores de barriga, quadro respiratório agudo, lábios ou face azuladas podendo este variar de um resfriado para uma grave pneumonia. É orientado que todas

[3] Não é um discurso necropolítico disfarçado pelo fato do soberano externar nitidamente sua despreocupação com as mortes ocorridas. Exemplo disso é a fala dele quando afirma em relação à quantidade de mortes causadas pelo COVID-19 que "não é coveiro". Ironizando com as mortes ocorridas.

as pessoas que contraia o vírus fiquem em quarentena por 14 dias após o diagnóstico ou aquelas que mesmo sem o diagnóstico do vírus, mas estejam com sintomas de gripe. Os grupos de risco concentram-se na população mais idosa, acima ou igual a 60 anos, pessoas com doenças crônicas, ou seja, diabete, hipertensão, doenças renais, cardiovascular, asmas, pessoas com doenças autoimune, como; câncer, lupos etc., doenças que baixam a imunidade. Estamos passando por uma grande pandemia, altas elevações de infectados e óbitos diário. Como por exemplo, o caso da Itália e Estados Unidos que ultrapassaram o país de origem do vírus (China) em quantidades de óbitos e contaminados. Mas qual a relação de necropolítica com a conjuntura brasileira? Essa é uma pergunta que tem seu fundamento no texto de Achille Mbembe (2016).

Essa pergunta nos instiga, uma vez que necropolítica está diretamente ligada ao poder decisório sobre as vidas das pessoas, esse poder é construído em uma sociedade de classe e hierárquica, um produto da força soberana que favorece as sociedades capitalistas. No Brasil a imagem mais proeminente dessa soberania é o presidente da república, algo que não quer dizer que não existam outras entidades soberanas que exerçam esse poder de morte.

A necropolítica é uma política construída no ato de decidir quem vive e quem morre. Segundo Mbembe, o ato de viver ou morrer é controlado pelo poder soberano. A imposição de seu poder retira do indivíduo o direito de sua própria vida, esse controle dos corpos é chamado por Foucault de biopolítica. Deter do poder soberano é suficiente para o controle da liberdade individual, e da vida, em todos os seus aspectos (MBEMBE, 2016). É dentro dessa perspectiva que abordo a necropolítica como política de morte adotada pelo presidente, seu discurso e posicionamento provoca a vulnerabilidade consciente das populações majoritariamente pobre, trabalhadora e negra.

O autor discorre em seu texto vários exemplos de necropolítica que tem seu fundamento há muito tempo. Necropolítica é o poder de decidir quem deve viver ou morrer através daquele que tem a soberania. Afirma Mbembe:

> Soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2016, p. 123).

Há muitos anos veem-se observado o exercício dessa soberania, que foram – e são – praticadas por soberanos independentes de leis ou ordens do Estado, essa, pode ser entendida através das guerras e conquistas. É o caso das colônias, o qual existia uma independência por aqueles que conduziam a ordem. Mbembe tem a biopolítica de Foucault como referência de sua análise sob o sistema político, juntamente com a biopolítica ele trabalha com o estado de exceção e estado de sítio – que é a ausência

do estado de direito e pode ser compreendida através das discursões que relaciona com o nazismo, totalitarismo, campo de concentração –. As colônias – colônia tardo-moderna também – eram os espaços que representavam perfeitamente a expressão do estado de exceção, pelas suas consequências. (MBEMBE, 2016).

O biopoder é estratégia e conjunto de técnicas com sua face política que tem o objetivo de fazer o controle dos corpos e ações dos indivíduos, disseminando assim a regulação do dominador. É a partir dessa concepção Foucaultiana que Mbembe desenvolve conceito de necropolítica. Trazendo uma reflexão histórica dos reflexos do necropoder, compreendemos que as instituições/sistemas passadas eram instituições/sistemas comandadas por um conjunto de hierarquia o qual seu ápice era o soberano, – o que não quer dizer que atualmente não tenhamos soberanos – esse tinha (tem) o poder de decidir qual o destino das pessoas. Tomamos como exemplo dois substantivos, raça e o período da escravidão. Mbembe, afirma que é impossível discutir escravidão sem falar de terror, pois, acredita que o sistema escravocrata teve o primeiro experimento do biopoder**,** diz ele: **"**Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica" (MBEMBE, 2016, p. 130).

A raça, dentro de uma relação de classe sempre teve uma elevação no discurso do biopoder. Mbembe, afirma que as questões biológicas conduziram (e conduzem) a políticas de mortes definindo quem deve viver e quem deve morrer, e fazendo esse controle dos corpos através das divisões no campo biológico, diz ele:

> Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) "racismo" (MBEMBE, 2016, p. 128).

O período escravocrata tinha como objetivo destituir a pessoa escrava de seus direitos legais e políticos, a vulnerabilidade dessa população era constante, o qual o marcador racial tinha um peso determinante para o racismo. Esse foi um dos grandes episódios do biopoder, no controle dos corpos e no direito de matar. O fato de a pessoa escrava estar desprovida dos direitos legais tirava dela a condição social. O peso da escravidão centra-se nas questões raciais, além de classe[4].

A escravidão expressa de forma mais nítida o ato de soberania, nesse período a pessoa negra tinha sua dignidade e sua liberdade roubada por um senhor branco, a questão racial era uma questão forte que determinava qual o destino do cidadão, se era branco, estava no grupo dos agraciados e

[4] O Exercício do biopoder segundo Achille Mbembe também é expresso no período do holocausto esse também foi um dos grandes episódios durante a segunda guerra mundial que exterminou inúmeros judeus na câmara de gás e afins. Esse ato chama-se genocídio, que é o extermínio de populações étnicas, religiosas ou raciais. Sendo assim, evidencia-se a necropolítica.

destinado ao poder e soberania, se era negro estava destinado a miséria e ao lamento eterno. E por anos, e ouso dizer, até hoje o peso racial persiste em rotular e estigmatizar os cidadãos. Na escravidão, e em especial no Brasil no período escravocrata, ser negro era estar em uma classe inferior ao de humano, estava em um patamar igual aos dos animais, esse, era transformado em objeto do humano o qual perdia toda a individualidade e direito de humano. Achille Mbembe (2016) afirma que, a vida do escravo é uma forma de "morte em vida". Eram produtos de uma fazenda, perdia tudo que era seu, inclusive a liberdade social.

> Em primeiro lugar, no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um "lar", perda de direitos sobre seu corpo e perda de *status* político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). Para nos certificarmos, como estrutura político-jurídica, a fazenda é o espaço em que o escravo pertence a um mestre. Não é uma comunidade porque, por definição, implicaria o exercício do poder de expressão e pensamento. (MBEMBE, 2016, p. 131).

Este também como propriedade do senhor estava submetido a toda a condição que o senhor quisesse, inclusive a morte (além da morte singular e interior). Esses recortes históricos mostram minimamente a presença da necropolítica.

Na contemporaneidade, observamos que a seleção através da condição biológica e étnica ainda tem uma grande proeminência, só é observar a porcentagem da população que mais morre no Brasil. Essa população é uma população negra que faz parte de um grupo étnico majoritariamente de territórios periféricos, pessoas que são discriminadas, segregadas e marginalizadas pelo Estado, que é o racismo. Mbembe, diz que Foucault entende que:

> Racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, "aquele velho direito soberano de morte". Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é "a condição para a aceitabilidade do fazer morrer" (MBEMBE, 2016, p. 128).

O racismo é o ato de discriminar alguém por condições biológicas, ou seja, consiste no preconceito pela diferenciação de raça. A escravização dos povos africanos representa a expressão desse racismo europeu. A raça tem um peso forte na divisão de classe e no processo escravocrata.

Assim, o surgimento das sociedades de classes possibilitou a escravização dos seres humanos em nome da propriedade privada, essa relação de desigualdade é historicamente determinada e dialeticamente articulada. Não é possível pensar uma sem a outra. Estabelecendo assim, uma produção privada da riqueza através da exploração da força de trabalho e criando diferentes justificativas para essa

exploração máxima, uma delas, a escravidão a partir da cor da pele das pessoas. Essa relação foi ao longo do tempo estudada por diferentes teóricos.

Assim, as desigualdades são frutos dessa exploração do homem pelo homem na propriedade privada, afirma Vladimir Diakov e Sergei Kovalev em *A sociedade Primitiva* (1987):

> O desenvolvimento da produção desencadeia na tribo a desigualdade, que tem primeiro um caráter de grupo: forma-se na tribo grupos com direitos diferentes, ou castas. Este fenômeno é um efeito da divisão do trabalho; como indicam Marx e Engels, a forma primitiva da divisão do trabalho origina o regime de castas. (DIAKOV; KOVALEV, 1987, p. 72).

Ainda, segundo Diakov e Kovalev (1987) alguns cientistas burgueses capitalistas afirmavam que existia uma raça superior que se distinguia desde sempre das demais e que sempre deteve do poder da inteligência e soberania. Essa afirmação não se fundamenta pelas pesquisas arqueológicas e antropológicas (as quais são ferramentas importantíssimas para a explicação da pré-história) que mostram que os fósseis encontrados nas diversas localidades do mundo não existiam diferenças no tamanho do crânio e na estrutura das mãos. E que, portanto, as disposições mentais e físicas são iguais, sobretudo o que se diferencia são fatores externos e secundários como cor de pele e etnia. Pois as raças só se constituíram na evolução da história e só começaram a aparecer no paleolítico superior. Afirma:

> Os cientistas progressistas estabeleceram que as três grandes raças humanas (negróide, europóide e mongolóides) se distinguem apenas por caracteres exteriores, secundários (coloração da pele, forma dos olhos, cabelo etc.). O volume da caixa craniana, a estrutura das mãos, as aptidões mentais e físicas são as mesmas. Nenhuma raça prevalece sobre as outras. (DIAKOV; KOVALEV, 1987, p. 31).

Sendo assim, observa-se que o discurso de raça e classe não surge no início da humanidade, mas sim, com o advento da propriedade privada e a proeminência de alguns grupos estarem em condições favoráveis ao domínio e ao poder.

NECROPOLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA

A necropolítica na sociedade contemporânea apresenta-se de várias maneiras, sempre conduzida por aqueles que detêm a soberania, seja por políticas públicas[5] que reflete na segregação de algumas populações enquanto que outras estão em posição de benefícios, seja por decretos municipais, estaduais ou federais. Encontra-se também presente nas leis, nos sistemas penitenciários, nas invasões das periferias, na autorização de extermínio da população pobre e negra quando esta confronta o poder

[5] As políticas públicas, são políticas construídas para um grupo especifico, negligenciando e proporcionando a falta de assistência para as necessidades de outros grupos.

policial (algo que não acontece com a população rica). Na conjuntura brasileira onde a pandeia ocasionada pelo COVID-19 aumenta o número de contaminados e mortes, o discurso do chefe do executivo Sr. Jair Bolsonaro se expande com uma ideia genocida e necropolítica, um discurso que vem sendo disseminado desde a sua campanha quando o símbolo desta era uma posição de arma atirando, demostrando que "bandido tem que morrer". O filósofo e historiador Wallace de Moraes (2020), afirma em seu artigo que o saber fazer do presidente é atirar, é o fazer morrer, tendo como foco uma população específica estereotipada como bandido, ele diz:

> O bandido que ele deseja matar tem endereço certo. Mora nas favelas, periferias e nas florestas. Trata-se de um desejo racista e de classe. Seu amor pela morte é colonialista, pois busca aniquilar negros, indígenas, pobres e seus descendentes (MORAES, 2020, p. 3).

Em momento de crise, é ideal as pessoas estarem se protegendo da contaminação em distanciamento social e isolamento. Porém, a fala do presidente mostra um posicionamento de morte. Por quê? Estamos em um momento onde as pessoas morrem diariamente em grande quantidade, enquanto que uma outra quantidade de pessoas estão sendo contaminadas, é evidente que o interesse do presidente é exterminar uma parte da população, e obviamente é um interesse de classe, pois a classe mais vulnerável é a classe trabalhadora[6]. Ao impulsionar seus seguidores nas redes sociais, na frente do Palácio da Alvorada ou nos pronunciamentos em rede aberta, ele externa seu interesse para o fim do isolamento e também legaliza o poder de fazer morrer aos seus e a todos aqueles que quebrarem as regras do isolamento.

Mbembe em entrevista, segundo a Folha de São Paulo (2020), sobre a atual situação da COVID-19, afirma que, nosso corpo tornou-se instrumento de ameaça para nós e para os outros, quando não protegido exerce o poder de morte, portanto, o isolamento é uma forma fundamental de regular o exercício desse poder. Para ele, a necropolítica durante a pandemia tornou-se democrática, agora todos tem o poder do fazer morrer (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Ainda, Mbembe fala sobre o necroliberalismo, que é um sistema de cálculo que aponta quem tem mais valor em uma escolha, neste momento o debate encontra-se entre a saúde pública (com o salvamento da população) e o sistema econômico (com o crescimento do capital) qual escolher? Conclui dizendo que, nesse sistema de escolha aquele que não tem valor é descartado, pois, essa escolha sempre vai afetar as mesmas raças, classes e os mesmos gêneros. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Podemos analisar a fala do Mbembe em comparação com o discurso econômico que o Presidente da República tem, o mesmo discurso foi feito

[6] Entende-se por classe trabalhadora todos aqueles que vendem sua força de trabalho para sobrevivência. Estão presentes nessa classe; tanto a classe pobre quanto a classe do pauperismo.

pelo atual ministro da saúde Nelson Teich[7] antes de assumir a pasta. Para ele, é necessário fazer uma escolha entre investir em idosos ou em jovens ao avaliar o caso por uma visão de gastos econômicos, concluindo que é preferível investir em jovens por ter uma vida longa.

> **Como você tem dinheiro limitado, você vai ter que fazer escolhas.** Vai ter que definir onde você vai investir. Eu tenho uma **pessoa mais idosa** que tem uma doença crônica avançada e ela teve uma complicação. Para ela melhorar eu vou gastar praticamente o **mesmo dinheiro que eu vou gastar em um adolescente** que está com problema. O mesmo dinheiro que eu vou investir. É igual. Só que essa pessoa é um **adolescente, que vai ter a vida inteira pela frente e outra é uma pessoa idosa, que pode estar no final da vida**. Qual vai ser a escolha? (ESTADO DE MINAS, 2020).

O comportamento do presidente revela o despreparo para ocupar o cargo de chefe do executivo federal, suas atitudes evidenciam o descaso que ele tem com a população brasileira e com a saúde pública. De acordo com uma matéria do site da UOL (2020) podemos ver nitidamente suas questões ideológicas e políticas, e por que se não um necropoder? A matéria afirma que o presidente Jair Bolsonaro em entrevista com um apresentador de programa afirmou que tem consciência das mortes que o COVID-19 irá causar, mas que algumas pessoas terão de morrer, pois segundo ele, "faz parte da vida", sem demostrar nenhuma sensibilidade à condição humana. Já em um pronunciamento em rede aberta afirmou que o vírus não passa de uma "gripezinha" e que só "mata" pessoas idosas e pessoas com doenças preexistentes, ele desconsidera toda a gravidade presente. Segue algumas falas do presidente explicita na matéria citada:

> "Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida".
> "O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele".
> "Eu tenho histórico de atleta, se eu pegar vai ser só uma gripezinha".

Já de acordo com o site do G1 (2020), o discurso genocida não muda. A falta de respeito com a população brasileira é um ato sempre praticado pelo Presidente. Em entrevista dada na frente do Palácio da Alvorada, ao responder uma pergunta sobre a quantidade de mortos pelo coronavírus, Sr. Bolsonaro afirmou que não é "coveiro". Uma atitude desrespeitosa diante da situação de crise que estamos. Todas essas ações, são ações de soberania, poder manifestar suas atitudes livremente sobre os dominados. Seu discurso é puramente de necropoder. Segue mais algumas falas presente na matéria do G1(2020):

[7] Existe uma rotatividade de ministros no atual governo que provoca oscilação na permanecia de chefia da pasta. Sendo assim, durante a produção deste artigo Nelson Teich pediu a exoneração.

> "Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo?".
> "Não sou coveiro, tá?".
> "Aproximadamente 70% da população vai ser infectada. Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?".
> "Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade. Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer".
> "Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia.".

A propagação do discurso do Sr. Jair Bolsonaro aos cidadãos brasileiros para saírem de suas casas em meio a pandemia e irem trabalhar é um discurso latente e perverso que provoca desestruturação nas atuais recomendações de proteção. Ele vai a desencontro com as recomendações de prevenção do Ministério da Saúde, da OMS e secretarias de saúde, das autoridades médicas, jurídicas e sanitárias. Além do desrespeito com as entidades de saúde, ele entra em debate político com os governadores e prefeitos que seguem as recomendações em seus territórios através de decretos estaduais e municipais. Ele não oferece propostas para desacelerar a propagação do vírus, a única coisa que faz é explanar suas ideias políticas e econômicas que nada beneficia na atual conjuntura. Como consequência, houve a demissão do ex-ministro da saúde, Henrique Mandetta, que divergia de suas ideias em relação ao isolamento domiciliar. É notadamente que, com fim do isolamento a taxa de morte sobe mais rápido juntamente com a quantidade de contaminados.

Se observar pela perspectiva que Mbembe nos apresenta, conseguimos identificar o fenômeno do necropoder na demissão do ex-ministro Mandetta. É preciso entender que o ato de matar nem sempre se apresenta de forma nítida, ele tem todo um conjunto de técnicas que silencia sua atuação, sua configuração produzida pelo soberano pode surgir de forma disfarçada ou escancarada através do exercício do poder. Sendo assim, de acordo com o ministério da saúde, é necessário ter conhecimento sobre a transmissão da doença, que é transmitida de forma simples. O contato próximo com um infectado proporciona a infecção do outro. Imaginemos que temos uma pessoa infectada que se relaciona em um espaço com 10 pessoas, e essas pessoas se contaminam, e em seus ciclos de relação social essas 10 pessoas se relacionam com mais 10 cada uma. Ou seja, em minutos temos uma enorme proliferação do vírus e vários portadores, que de acordo com a OMS alguns desenvolverão sintomas com necessidades hospitalares, e outros não, porém sempre transmissíveis enquanto assintomáticos. Imaginemos também através dessa lógica, se as pessoas voltarem as suas atividades tendo essa relação constante com o público, o que acontecerá? Obviamente uma crise maior que a que estamos vivendo, com um índice enorme de mortes. Então, sabemos todos os reflexos caso o fim do isolamento venha acontecer, e podemos enxergar os resultados. Essa lógica é de ciência do presidente o qual mesmo assim

insiste em executar. Apresentei dois pontos através dos posicionamentos do Sr. Bolsonaro que mostram sua adoção ao necropoder. Primeiro, a demissão do Mandetta, e segundo, a ciência dos danos que o fim do isolamento ocasionará.

> A transmissão acontece de uma pessoa doente para outra ou por contato próximo por meio de: Toque do aperto de mão; Gotículas de saliva; Espirro; Tosse; Catarro; Objetos ou superfícies contaminadas, como celulares, mesas, maçanetas, brinquedos, teclados de computador etc. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

O Estado, por si só já é um detentor do necropoder, o uso da força e a violência são ferramentas fundadoras do Estado. O Estado nasce com o objetivo de assegurar a propriedade privada e o sistema capitalista, essa expressão de sua violência é nítida no período em que ocorreu a emergência do capitalismo no final do século XIV na Inglaterra. Segundo Karl Marx (2011) em *O Capital*, mostra que o processo de expropriação dos camponeses ocorreu de forma sanguinária e agressiva, com inúmeras leis da monarquia que sustentavam a empregabilidade dessa violência e controle dos corpos. As pessoas eram obrigadas a se adaptarem a um novo modo de vida de exploração trabalhista. Quando não se adaptavam eram tachados como vagabundos e vadios, e logo acometidos por essas leis coercitivas e violentas. O Estado foi um aliado dos donos dos meios de produção para estabelecer o controle dos trabalhadores, tornando-os dependentes do sistema capitalista como seu único meio de sobrevivência e provocando a expansão desse sistema. Este é um período que marca o início da exploração capitalista e a transformação do camponês em proletário. O ato de expropriar suas terras e seus instrumentos de trabalho, ocasionou a existência de homens livres, livre não no sentido de liberdade, mas, porque estavam livres de seus instrumentos de subsistência. A única coisa que tinham para vender era seu corpo com a força que ele fornecia para o trabalho, sendo mercadoria viva (MARX, 2011).

A legalidade do Estado produzia essa violência, quando pior, tinha seu fim através do enforcamento. O Estado surge com esse papel repressor de favorecimento de uma classe, e essa classe era e, é a classe capitalista, sua ação produz mais-valia (mais valor) para as empresas, diz Marx:

> A burguesia nascente precisava e empregava a força do Estado, para "regular" o salário, isto é comprimi-lo dentro dos limites convenientes à produção de mais-valia, para prolongar a jornada de trabalho e para manter o próprio trabalhador num grau adequado de dependência (MARX, 2014, p. 859).

O Estado não surge para proteger a todos, mas como um protetor da classe burguesa e dos bens econômicos, por isso seu inimigo sempre será a classe trabalhadora. Dessa forma:

> O Estado jamais encontrará no "Estado e na organização da sociedade" o fundamento dos males sociais, como o "prussiano" exige do seu rei. Onde há partidos políticos, cada um encontra o fundamento de qualquer mal no fato de que não ele, mas o seu partido adversário, acha-se ao leme do Estado. (MARX, 2011, p. 148).

O Estado nunca irá encontrar em si mesmo as causas que acomete a sociedade, quando ele admite essas causas, justifica por três fatores. Um, por condições naturais que nada tem a ver com o Estado ou com a intervenção humana. Dois, por condições da vida privada que é independente dele. E três, por incapacidade da administração (MARX, 2011). Quando o Estado minimamente descobre os defeitos sociais da incapacidade da administração, tenta resolver, se suas soluções forem ineficientes, é atribuída essa ineficiência a questões da natureza, como se os males fossem uma lei de Deus. Sendo assim, o Estado nunca irá se automutilar, pois, seu poder se estrutura na propriedade privada, o que ele faz é buscar soluções insuficientes como ocorreu na Inglaterra e culpar seus adversários por esses males, para Marx:

> Se o Estado moderno quisesse acabar com a impotência da sua administração, teria que acabar com a atual vida privada. Se ele quisesse eliminar a vida privada, deveria eliminar a si mesmo, uma vez que ele só existe como antítese dela (MARX, 2011, p. 149).

Percebe-se que o Estado como conjunto de homens prontos para exercer a violência, visa grupos específicos como parte de seus dominados, este, estar presente nas regiões marginalizadas por suas políticas, são estes povos que sofrem a violência rígida e cruel do fazer morrer que o soberano produz. Em tempo de pandemia, essa condição violenta se intensifica sobre os territórios estigmatizados. São as periferias, os homens e mulheres negras, as comunidades indígenas, são territórios[8] que sentem diariamente a força militar e a repressão da violência. A segregação é fruto do Estado e o Estado é fruto das sociedades de classes, assim como a pobreza, a ausência de assistência e políticas públicas para a população étnico-racial, ausência de direitos básicos etc., é um reflexo desse necropoder exercido consciente pelo Estado. Os frutos dessas políticas é o crescimento do capital dos donos dos meios de produção e o fim dessas populações. O Estado, como a única forma de governo sob o povo brasileiro, além de deter do poder de morte, detém do poder da vida (que é a necropolítica), somente ele pode estruturar saídas e meios para a melhora, tanto da pandemia, quanto das desigualdades. Mas como acontecerá isso? Visto que o Estado sempre será violento, deixo como uma provocação.

A economia está tendo maior importância que a população. Em pronunciamento em rede aberta o presidente advoga a abertura dos mercados e escolas e a movimentação da economia, impulsiona aos

[8] Em *Território, Globalização e Fragmentação*, Milton Santos (1998) fala que, o território outrora era definido pelos Estados-Nação para concretização de seu poder. Com o processo dialético, esse território nação antigo evolui para a "noção pós-moderna da transnacionalização do território" (Santos, 1998, p. 15). Em resumo, "o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado" (SANTOS, 1998, p. 16).

indivíduos quebrarem as regras da OMS e irem às ruas para produzir. Observamos que o modo de produção capitalista enriquece os donos dos meios de produção. Inclusive, o surgimento do capitalismo ocorreu com o objetivo desse enriquecimento através do dispêndio da força humana, entretanto, a história que marca esse processo é uma história de desumanização da classe trabalhadora, um processo que nega ao trabalhador a condição básica de saúde, educação e segurança, a economia precisa estar preservada e os lucros sempre ativos. Por isso a questão econômica no Brasil está à frente a saúde pública no discurso do presidente. O posicionamento dele provocou enorme revolta aos economistas brasileiros, os quais afirmam que, a condição atual é de cuidado com a saúde e a vida da população, as questões econômicas devem vir em segundo ou terceiro lugar, pois, se a contaminação da COVID-19 não tem controle poderá gerar uma crise muito maior a qual está sendo propagada pelo presidente. Prevenindo o avanço do vírus minimiza uma crise perversa, orienta os economistas na matéria (ex-ministros da Fazenda, ex-presidentes do Banco Central, ex-diretor do Banco Central, ex-secretários da Fazenda, professores universitário etc.) do G1 (2020).

Ao analisar por um olhar econômico, observamos que a população brasileira se concentra majoritariamente em famílias pobres e desempregadas. Ao seguir as regras do presidente, é colocar essa população desprotegida tanto economicamente quanto socialmente em condições de morte, o ato de governar sob uma política de necropoder pode ser também observada pela visão econômica que desasiste essa população necessitada e subordinada do sistema capitalista. Interpreta-se sob o olhar da sociologia que os diversos posicionamentos do Sr. Jair Bolsonaro são extermínios massivos da população trabalhadora e negra (pretos e pardos representam 72,7% da população pobre no Brasil, segundo o IBGE (2019), que diferentemente, a burguesia não se encontra em posição de vulnerabilidade. Compreendemos essa linha de divisória como segregação socioeconômica, além de ser racial.

Nesse processo, o Brasil ultrapassou a China (país de origem do vírus) em quantidades de mortes pelo COVID-19. Uma leitura feita a partir dos números evidencia-se uma expressiva quantidade de acometidos (contaminados e mortos) pelo vírus. Isso significa que a condição brasileira se encontra cada vez mais em situação preocupante, é um alarme para a população como um todo. Mas para toda causa existe um efeito, e a falta de seriedade protagonizada pelo presidente leva com ele uma quantidade considerável de apoiadores de suas ideias, quebrando as recomendações dos órgãos de saúde, e com isso a proliferação do vírus. Enquanto que a China (apesar de terem medidas de isolamento severo) conseguiu achatar a curva (estabilizar e controlar do impacto do vírus seja em contaminação, mortes, ou em ambos), o Brasil se eleva em quantidades de mortes e infectados. É expressivo que as negações massivas do presidente sobre a realidade da doença provocam impactos negativos para o processo de

cura. Em entrevista quando questionado sobre o Brasil avançar a taxa de mortes do país de origem do vírus, Bolsonaro afirma que; "E daí? Lamento. Quer que eu faça o que? Eu sou Messias, mas não faço milagre" (G1, 2020). É esse tipo de comportamento que mostra o exercício de sua soberania, e é para esse fenômeno que Mbembe nos alerta. A China tem dispositivos que proporciona ao seu povo responder as leis de emergência. Enquanto que, se o Brasil acionar emergência para o estado de exceção, a sociedade brasileira viverá em combinação com o coronavírus um genocídio agressivo, institucionalizado e legalizado pelo Estado, seria uma intensificação de algo que já vem sendo produzido "silenciosamente".

O trabalho é o fundamento do homem, Diakov e Kovalev (1987) explica bem em seu texto. Sabemos que o modo de produção do sistema capitalista tem sua emergência através da queda do sistema feudal e é através desse movimento dialético que a exploração do homem se intensifica através de condições atualizadas e massivas dos instrumentos de trabalho. A classe trabalhadora além de ser objeto de trabalho e produto de enriquecimento da classe burguesa, é indispensável para a riqueza do homem capitalista. Então a qualquer custo o Estado, e a economia, todos tendo seu soberano com políticas de necropoder, lutará para produzir mais valia, mesmo que isso ocasione um genocídio em massa. E esse papel repressor disfarçado de amor pela pátria e pelo povo, está sendo exercido pelo Presidente Jair Bolsonaro. E assim, avançamos em uma pandemia sem previsão de fim juntamente com um conjunto de regas políticas que extermina o ser. O corpo aqui já não tem mais valor, a morte é uma consequência do poder e da soberania, o Brasil vive uma crise política o qual as ações humanas têm mais poder de extermínio que o próprio COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conjuntura brasileira enfrenta uma problemática política e embates governamentais sobre as decisões voltadas para a saúde pública. Observamos que o conceito de necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe evidencia-se na fala do Presidente da República quando o mesmo advoga pelo fim do isolamento domiciliar/social. A troca do ministro da saúde é exatamente um posicionamento autoritário contra aqueles que pensam diferente de seus ideais. Enquanto que o ex-ministro Henrique Mandetta defendia a saúde pública, sobretudo, a estabilização do trabalho para evitar enorme contaminação e sobrecarga no Sistema Único de Saúde (SUS) que, com sua grande quantidade de pacientes contaminados, provocaria um colapso deixando os necessitados a beira da morte como sua única saída. Sendo assim, Sr. Jair Bolsonaro emprega Nelson Teich como ministro da saúde para dialogar com os seus ideais, obviamente, políticas ideológicas que de forma alguma beneficiariam a maior parte da

população brasileira. Mas, precisamos falar que, a população que não se beneficia é a população vulnerável e, é sobre estas que o Estado tem o poder maior de controle da vida e da morte, por isso, foi necessário falar sobre classe e raça. Entendemos que existe a necessidade extrema do isolamento para evitar uma maior contaminação ocasionada pelo vírus e um nível muito maior de mortalidade. Hoje a reversão dessa crise é bem mais complexa que se estivesse dado atenção no início.

As questões econômicas estão alinhadas com as questões políticas do governo, elas estão tendo maior visibilidade que as vidas perdidas diariamente, o capitalismo se torna um protagonista importante para as produções contemporâneas do necropoder, no país, esse poder "invisível" está atuando juntamente com poderes "visíveis" e o fazer morrer como uma concretização desse poder. O Brasil se encontra em uma crise que se intensifica diariamente, de modo que ela é causada por dois fatores: primeiro, a pandemia da COVID-19 e, segundo, a falta de seriedade pelo chefe do executivo federal. É exigido do Chefe de Estado posicionamentos lógicos e benéficos para a população, de forma que conduza esse momento de crise com a responsabilidade que seu ofício exige. A situação se torna crítica quando este não dá atenção necessária à magnitude que o vírus pode causar. Entende-se que há um despreparo estrutural de seu governo e por outro uma evidente consciência de suas ações.

REFERÊNCIAS

DE MORAES, W. "A necrofilía colonialista outrocída no Brasil". **Revista Estudos Libertários**, vol. 2, n. 3, 2020.

DIAKOV, V.; KOVALEV, S. **A sociedade primitiva**. 4ª edição. São Paulo: Editora Global, 1987.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos". **Portal Eletrônico do IBGE** [06/11/2019]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acesso em: 27/04/2020.

G1. "Coronavírus: o que se sabe sobre o novo vírus que surgiu na China". **G1** [27/02/2020]. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/o-que-se-sabe-e-o-que-ainda-e-duvida-sobre-o-coronavirus.ghtml> Acesso em: 02/05/2020.

G1. "Economistas criticam posicionamento do governo Bolsonaro frente à pandemia do coronavírus". **G1** [25/03/2020]. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/25/economistas-criticam-posicionamento-do-governo-bolsonaro-frente-a-pandemia-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 27/04/2020.

MARX, Karl. "Glosas Críticas Marginais ao Artigo "O Rei da Prússia e a Reforma Social". De um Prussiano. Germinal": **Marxismo e Educação em Debate**, vol. 3, n. 1, 2011.

MARX, K. **O capital**: Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014.

MBEMBE, A. "Necropolítica". **Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, dezembro 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, "Coronavírus COVID-19". **Portal Eletrônico do Ministério da Saúde**, [2020]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 26/04/2020.

SANTOS, M. "O retorno do território". *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. **Território**: Globalização e fragmentação. 4ª edição. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1998.

SENHORAS, E. M. "A pandemia do novo coronavírus no contexto da cultura pop zumbi". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020a.

SENHORAS, E. M. "Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020b.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 2 | Nº 6| Boa Vista |2020

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima